

estrema

Revista Interdisciplinar de Humanidades

Zulmira Falcarreira ou A Selva Azul da Alma.

Pinto, Isabel.

estrema: revista interdisciplinar de humanidades,
número 4, Outono de 2014



Para citar este artigo: PINTO, Isabel. 2014. Zulmira Falcarreira ou a Selva Azul da Alma. *estrema: revista interdisciplinar de humanidades* 4, www.estrema-cec.com.

Um projecto do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Para informação adicional
<http://www.estrema-cec.com>

*Zulmira Falcarreira ou A Selva Azul da Alma*¹

Isabel Pinto

Resumo:

O primeiro quartel do século XX em Portugal caracteriza-se por uma série de acontecimentos históricos importantes: o regicídio, a queda da monarquia, a implantação da república e a Primeira Grande Guerra. Nesta altura, as mulheres continuavam impedidas de votar, permanecendo sistematicamente à margem do debate acerca das principais questões sociais. Deste contexto, emerge uma plêiade de poetisas, Amélia de Guimarães Vilar, Virgínia Vitorino, Florbela Espanca, etc., que, sobretudo em publicações periódicas, desvela um modo feminino de estar no mundo. Contudo, os sonetos de Zulmira Falcarreira permanecem, na sua maioria, inéditos, e o seu papel na legitimação feminista é ainda ignorado pelos estudiosos. Este artigo é, então, consignado à revelação de uma autora, ao propor-se demonstrar a relevância da sua obra ao nível das mudanças na condição da mulher, ocorridas no século passado.

Palavras-chave: século XX; condição feminina; poesia; Zulmira Falcarreira; soneto

Abstract:

The first quarter of the twentieth-century in Portugal was characterized by a series of important historical events: the Regicide, the fall of the Monarchy and the establishment of the Republic, and the First World War. By this time, women could not yet vote and they were systematically ignored in the debate of crucial social issues. From this historical context, a group of women poets comes out: Amélia de Guimarães Vilar, Virgínia Vitorino, Florbela Espanca, etc., who, mainly within periodicals, unveiled a feminine way of relating to the world. Nevertheless, Zulmira Falcarreira's sonnets are still largely unpublished, and her role in women's emancipation remains unknown to the academia. So, this article aims at pointing out a new author, arguing for the relevance of her poems to the changes in women's social condition, in the last century.

Keywords: twentieth-century; women's condition; poetry; Zulmira Falcarreira; sonnet

¹ PINTO, Isabel. 2014. Zulmira Falcarreira ou A Selva Azul da Alma. *estrema: Revista Interdisciplinar de Humanidades* 4, www.estrema-cec.com.

I

No início do século XX, a condição da mulher em Portugal revestia-se de limitações de cidadania, concretizadas, por exemplo, na impossibilidade de votar (por decreto de lei de 3 de Julho de 1913) e na dificuldade de acesso a um sistema educativo, ou a uma via profissional. Com efeito, o censo de 1911 fixava o analfabetismo em Portugal em 75%. De facto, é necessário salientar que, por exemplo, Plínio Salgado, em 1946, quase na passagem para a segunda metade do século, adjudicava que a educação não oferecia grandes vantagens à mulher, uma vez que só o sentimento religioso resultava benéfico para o seu engrandecimento (1946, 59-60).

A participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial teve implicações económicas e resultou no enfraquecimento da nova identidade republicana. A par com a convulsão nacional, também a nível mundial havia grandes questões sociais em aberto. É neste complexo contexto, interno e externo, que diferentes associações femininas começam, consistentemente, a emergir no plano da vida pública: “Associação de Propaganda Feminista”, em 1911, “Comissão Feminina pela Pátria”, em 1914, “Cruzada das Mulheres Portuguesas”, em 1916, etc.. Paralelamente a este movimento associativo, surgiram em número significativo na imprensa os periódicos femininos: *A Esperança: Semanário de Recreio Literário Dedicado às Damas*, em 1868; *Almanaque das Senhoras para Portugal e Brasil*, em 1871; *Alma Feminina*, in 1917; *Eva: Jornal da Mulher e do Lar*, em 1925; *Portugal Feminino*, em 1930, etc.

A ideia de uma literatura no feminino, que havia começado a adquirir alguma consistência na segunda metade do século XIX, é agora fortalecida e desenvolvida, sobretudo, através das publicações de carácter periódico. Assiste-se, assim, no primeiro quartel do século XX a um crescente protagonismo na imprensa por parte de um grupo de mulheres que lograram obter educação e formação, e dessas uma minoria, inclusive, uma profissão (Amélia de Guimarães Vilar era contabilista, Marta de Mesquita da Câmara jornalista e Virgínia Vila Nova de Sousa Vitorino actriz).

No fundamental, essa produção literária, mormente de cariz lírico, atestava a riqueza do universo feminino, na individuação de uma forma de perceber, sentir e entender o mundo. Tratava-se, em suma, de um coro de vozes, às quais sérias limitações sociais haviam sido impostas, que agora reclamavam uma presença e uma identidade:

Segundo João Esteves (2001), na imprensa, a partir de 1906, encontram-se com regularidade reflexões sobre o feminismo. Aí encontraremos Albertina Paraíso, Ana de Castro Osório, Lucinda

Tavares, Maria Veleda e Virgínia Quaresma, tendo a temática feminista passado a fazer parte do conteúdo de diários como *O Mundo* e *Vanguarda*. Os textos dedicados ao feminismo pelo “Jornal da Mulher”, secção iniciada em 1906 no periódico *O Mundo*, e da responsabilidade de Albertina Paraíso, permitem compreender o que reivindicavam as feministas Portuguesas e o que se passava no final da Monarquia. Por exemplo, a *Vanguarda*, diário republicano independente, inclui, em 1906, a secção “Galeria feminista”, criada após a apresentação da Secção Feminista da Liga Portuguesa da Paz. (Silveirinha 2012, 170)

Como o excerto demonstra, a presença regular de um conjunto de autoras na imprensa permite a transição, relativamente rápida, entre feminino e feminismo, ou seja, da afirmação do feminino, como atrás mencionámos, até à reivindicação feminista o caminho não foi longo, embora se mantivesse árduo.

Assim, de 1915 a 1925, regista-se a presença recorrente de um conjunto de poetisas, que elegia o soneto como forma axial, em diferentes jornais, e respectivos suplementos: Virgínia Vitorino, Amélia de Guimarães Vilar, Marta de Mesquita da Câmara, Zulmira Falcarreira e Florbela Espanca são alguns dos nomes a reter. A favor da boa recepção desta poesia, podemos referir que algumas das autoras tiveram os seus poemas editados em livro, destacando-se, neste contexto, o sucesso de *Namorados* (1920), de Virgínia Vitorino, que gozou de seis edições quase seguidas. Em contrapartida, é também de mencionar que algumas destas autoras escolhiam outra via para divulgar a sua produção poética, optando por financiar a sua própria edição, caso de Amélia de Guimarães Vilar, que, também em 1920, faz sair às suas expensas o volume de poemas *O Meu Rosário*.

Os nomes das autoras acima figuram, à excepção do de Zulmira Falcarreira, numa antologia das principais figuras do feminismo português, o *Dicionário no Feminino* (2005), composta de entradas biográficas, em que se enunciam os méritos do percurso de um vasto número de personalidades femininas. Daí que este artigo pretenda ser um contributo para a divulgação da obra de uma voz singular do lirismo feminino, a de Zulmira Falcarreira, que até hoje permanece largamente inédita, e cuja dimensão feminista não deve continuar a ser ignorada, posto que se configura como mais um vértice da complexa construção de uma nova identidade sociocultural, a do feminino.

II

No número 834 do periódico *Ilustração Portuguesa*, de 11 de Fevereiro de 1922, na secção «Interiores de Arte» surge uma reportagem sobre a casa de Zulmira Falcarreira (1867-19??), que, num catálogo de leilões e antiguidades, de 2011, é apresentada como «profunda e sábia poetisa, hoje pouco conhecida»². Contudo, no artigo de 1922, a autora

² Catálogo do Palácio do Correio Velho, Leilões e Antiguidades, S.A., leilão 263, Abril de 2011, p. 79.

é reconhecida como «a poetisa que sob o pseudónimo de *Azul* tão lindos sonetos tem publicado em diversos jornais e revistas» (140). Destacamos um excerto, que almeja estabelecer um nexo de estilo entre a sua obra literária e a decoração da sua casa:

... tem nas suas salas as mais belas *étalages* da sua arte – a sua arte de trapos, feita como os seus versos de fragilidade, de encanto, de deliciosa futilidade. Zulmira Falcarreira tem na sua casa a mais linda ilustração dos seus versos. Em cada parede, em cada canto, uma aguarela, um carvão, uma sanguínea a interpretar-lhe os sonetos. (140)

Este testemunho é importante para atestar o reconhecimento de que a autora gozava no seu tempo e contribui igualmente para a situar num ambiente socioeconómico favorecido, em que a componente cultural era, simultaneamente, *ex-libris* de uma vida privilegiada e parâmetro de qualidade de vida. Neste sentido, a sua casa é vista como ilustração da sua poesia, um misto «de fragilidade, de encanto, de deliciosa futilidade». Estas três características traçam também, em termos gerais, um retrato de mulher no primeiro quartel do século XX: o cunho de fragilidade, combinado com a condescendente aquiescência de futilidade, imprime à mulher, à semelhança das belas salas que habita, uma dimensão decorativa, e, portanto, socialmente inócua (Imagem 1).

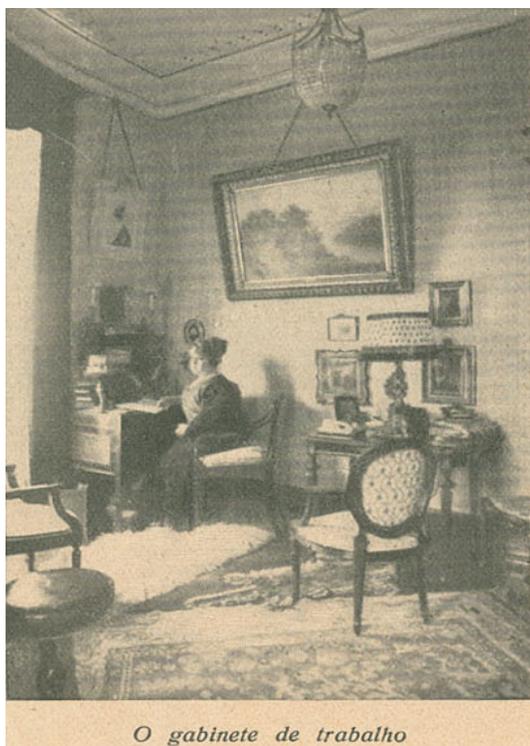


Imagem 1: *Ilustração Portuguesa*, n.º 834, 1922, p. 140

No livro de Nuno Catarino Cardoso, *Poetisas Portuguesas*, de 1917, D. Zulmira de Almeida Franco Teixeira é uma das autoras contempladas. Aí se encontra uma resenha biográfica, que nos informa de que nasceu no Rio de Janeiro. Todavia, o ano do nascimento é apenas avançado pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) que o situa em 1867. Filha de D. Carolina Augusta Ferreira d'Almeida, Viscondessa da Falcarreira, e de Pompílio Augusto Gonçalves Franco, Visconde do mesmo título, Fidalgo Cavaleiro da casa Real, Comendador das Ordens de Cristo, da Conceição, etc., Zulmira Falcarreira destaca-se pela sua ascendência, a um tempo, nobre e economicamente próspera e influente:

Pelo lado materno é D. Zulmira d'Almeida Franco Teixeira aparentada com as famílias do Conde de Carvalhido e do Visconde de Ferreira d'Almeida, o importante e conhecido banqueiro brasileiro. D. Zulmira Teixeira que é casada com o Sr. Luiz Virgílio Teixeira, antigo Deputado da Nação e 1.º Secretario de Legação que durante muitos anos prestou serviço nas Legações de Portugal, em Madrid e no Rio de Janeiro, é neta de José Gonçalves Franco — fundador da primeira casa Bancária Portuguesa, do seu tempo, que foi pai do Visconde da Falcarreira e do Marquês de Franco que lhe sucederam na gerência de seus importantes negócios. (40-41)

A citação identifica o contexto socioeconómico em que se movia a autora, que, para além da ascendência nobre, também estava ligada à Banca, nomeadamente pela parte do avô, José Gonçalves Franco, fundador da primeira casa bancária portuguesa.

Nuno Catarino Cardoso refere que após a morte de sua irmã, Hermínia Franco de Almeida Araújo, em 1912, Zulmira Falcarreira reuniu a obra poética que esta deixara, compilando-a num volume póstumo intitulado *Vilancetes*, que não chegou a entrar no mercado. O autor da antologia também dá conta da publicação dispersa da obra poética de Zulmira Falcarreira, que vai aparecendo em periódicos de impacto, como sejam *Ilustração Portuguesa*, *Jornal da Mulher*, *Diário de Notícias*. Adverte, no entanto, que a maior parte da sua escrita, sob o pseudónimo de «Azul», se mantém inédita (41). A este propósito alude ainda a um futuro grande projecto editorial em que a autora se encontraria envolvida há algum tempo. A este futuro livro, a que podem muito bem corresponder três volumes de autógrafos depositados na BNP, Nuno Cardoso augura o maior dos êxitos. Para tal, fundamenta-se nas «apreciáveis e belas produções de sua autora» mas também nos contributos de grandes nomes, que com aguarelas, pastéis, sanguíneas e músicas honraram o volume, a que chama propriamente «um grande e notável Repositório d'Arte» (41).

Também a este nível se deve destacar o meio cultural e artístico que rodeava Zulmira Falcarreira como decisivo quer para o tipo de publicação a que a sua obra poética podia

legitimamente aspirar quer para a recepção que a mesma tendencialmente lograria na sociedade da época, como bem antecipa Nuno Cardoso. Convém, ainda, destacar que Zulmira Falcarreira é dotada de uma assinalável versatilidade artística, uma vez que no referido artigo acima da *Ilustração Portuguesa* confere-se destaque à produção, em 1921, para as Belas Artes, «de farrapos e retalhos velhos, bonecos, soldados, fantoches, fetiche, todo um mundo de marionetes, policromos e articulados» (140).

Na antologia *Poetisas Portuguesas* foram integrados quatro sonetos de Zulmira Falcarreira: «No ano de 1917», apresentado como inédito; «O Outono»; «Tu e só tu» e «Sol», também apresentado como inédito. Todos eles figuram igualmente nos três volumes manuscritos depositados na BNP. É, com efeito, a partir deste espólio manuscrito (Esp. A/6082-6084), que compreende poesias datadas de 1909 até 1923, e outras sem data, muitas delas assinadas sob o pseudónimo «Azul» e inéditas, que faremos uma incursão na obra poética de Zulmira Falcarreira, assente na forma do soneto. Temos, todavia, notícia de mais um manuscrito da autora, através do Catálogo do Palácio do Correio Velho, Leilões e Antiguidades, S.A., leilão 263, em Abril de 2011, intitulado *Sonetos e mais versos*, com data de 1924, composto por 16 fólios e que inclui os poemas «Ano Novo», «Impossíveis», «Canhão», «Um bom Conselho», «O Minuto de silêncio», «Discussões», «O maior histrião», «Abril» e «Águas» (79), que não se encontram nos volumes da BNP.

O primeiro volume de poesia manuscrita (BNP, Esp. A/6082) tem por título *Asas libertas*. Dele consta o seguinte soneto:³

NA VINHA

Outubro: ao meio-dia – Outono em fora
Sob a guarda de um clima temperado,
Fomos dar o passeio costumado,
Gozando d'alegria d'essa hora:

Em toda a vinha a cor mudou agora
E no seu grande corpo abandonado
Sangra, rubra de dor, de lado a lado,
Sangra a angústia dos cachos que ela chora:

Nós, caminhando a par, notámos cedo
Que tínhamos os dois algum segredo
Alguma grande mágoa inconfessada...

E entrelaçando as mãos e unindo o rosto,
Deixámo-nos ficar até o sol-posto,

³ Para a edição dos sonetos, actualizámos a ortografia para a norma vigente e conservámos a pontuação original.

Olhando para a vinha ensanguentada.

Este poema, com data de 1919, introduz uma temática amorosa que se desenvolve através dos apontamentos sobre a paisagem, assim se consubstanciando: a vinha rubra, ensanguentada, é o reflexo perfeito e cintilante da mágoa que ameaça os amantes, presságio de um cadáver anunciado. A elegância do soneto, pelo que é apenas a florado, insinuado, permite conotar a mágoa não explicitada com a mudez da vinha.

Este eixo temático é recorrente nos sonetos da autora, que, como no poema acima, reveste a vivência amorosa de sentimentos exacerbados, de uma tristeza e sofrimento inalienáveis, e da nostalgia de um passado tão apoteótico quanto perdido. O amor é pleno no breve instante da sua duração, depois sobrevêm inevitavelmente a dor e o sofrimento, e a perfeição esvanece-se, emergindo a perda irremediável e definitiva.

A personificação da vinha, através da imagem do «seu grande corpo abandonado», que sangra em toda a sua extensão, permite que a correlação com o devir dos amantes seja directa e total. Os amantes, à semelhança, da vinha, arauto da infelicidade futura, também serão corpos abandonados e exangues.

Não obstante, a vinha é digna de demorada contemplação, como explicitado no último verso do soneto, o que remete para um comprazimento, ainda que relativo, no sofrimento, como se a infelicidade fosse legítimo atestado do sentimento amoroso.

A obra poética de Zulmira Falcarreira não se restringe, todavia, à temática amorosa, pois em outros textos o sujeito poético adopta uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a própria condição da mulher nas primeiras décadas do século XX:

LIRISMO

Se vejo uma quarentona
Que ainda pensa em namorar,
Compõe versos ao luar
E no lirismo se enfuna;

Que se acaso em qualquer zona
Qualquer tenor encontrar,
De cabeça a dar a dar
Faz cara de prima-dona;

Quero conter-me e não posso
- Que há sempre um cão para um osso
Algures qualquer já disse -,

E asseguro que ela pensa
Que é amor mas é doença
Ou segunda meninice...

Este poema, de 1911, também faz parte do volume *Asas libertas*. Nele deparamos com uma crítica mordaz a certas mulheres, mormente a quarentonas que ainda pensam em assuntos amorosos e, por conseguinte, despendem tempo em vãs composições poéticas. É um olhar feminino sobre uma realidade feminina, que facilmente conjecturamos fazer parte do meio social frequentado pela poetisa.

O sujeito poético visa caricaturar um grupo de mulheres condenáveis, sobretudo, pela idade, como o primeiro verso do poema dá a entender. Neste caso, a poesia acentua o ridículo a que essas mulheres voluntariamente se sujeitam, retratando a vanidade sentimental que caracteriza certo meio social. Contudo, há um lastro de preconceito que percorre o soneto: face a certos comportamentos e atitudes tidos como censuráveis, como compor versos ao luar e enfunar-se no lirismo, a grande condicionante que lhes é imposta não parece ser outra que não a da idade, enquanto «quarentona», como logo alardeado no primeiro verso do poema. É, pois, apenas a idade que torna proibitivas e ridículas certas práticas.

Mas a perspectiva crítica sobre a mulher não se restringe ao retrato impiedoso de «quarentonas», como o poema seguinte mostra:

COQUETE

Achas que sou coquete: sim, é certo;
Nem podia viver de outra maneira.
Coquete é a linda natureza inteira
No seu manto, de flores entreaberto:

Pavoneia-se o sol – mal eu desperto –
Desfazendo a doirada cabeleira;
Na elegância das folhas da palmeira
Requebram-se as florestas do deserto:

Do melro a voz, das flores o perfume,
Do céu a cor, do mar as rebeldias,
Têm mundanas vaidades, sem querer.

O coquetismo é a graça que resume
Cantos, aromas, brilhos e harmonias:
Que, afinal, ser coquete é ser mulher.

Neste soneto, de 1917, também ele incluído no volume manuscrito *Asas libertas*, mais uma vez se procura na natureza a substância do que é assumido e argumentado. É através dos exemplos da natureza que o sujeito poético justifica o seu coquetismo, pois aqui o juízo é auto-reflexivo, concluindo que tão natural quanto ser mulher é ser

coquete. Neste enlace, a mulher encontra o paralelismo perfeito nas graças da natureza, todo um conjunto de cantos, aromas, brilhos e harmonias; defende-se «o ser mulher» e caracteriza-se essa vivência como um exercício de coquetismo, que é tão próprio da mulher como da própria natureza inteira. Atente-se na expressividade das formas verbais escolhidas, «Pavoneia-se» e «Requebram-se», para expressar o coquetismo da natureza, que a índole feminina não se pode impedir de imitar.

À semelhança do soneto anterior, também a este associamos a vida em sociedade da autora, que frequentava um meio em que a imagem da mulher se fazia actualizar através da descoberta da figura da coquete, por influência francesa. Mais interessante é o foco na reflexão em torno de «ser mulher», que contribui para uma discussão socialmente relevante, e longe de estar concluída. Neste sentido, o paralelismo com a natureza é engenhoso, porquanto fundamenta uma filiação primordial, eloquente e grandiosa do feminino, recusando estereótipos de fragilidade.

Na folha de rosto de *Asas de Ferro* (BNP, Esp. A/6083), segundo volume manuscrito, surge a indicação «Sonetos filosóficos», cujo teor se distingue pela consistente atitude de questionação da própria vida:

TÉDIO

Viver? O que é viver? Será gozar?
Será sofrer imenso, por ventura?
Quem sabe se é encontrar na sepultura
Da vida eterna, um grato e novo lar?

Viver, talvez que seja trabalhar
Será o descanso, para quem procura
A quietação de uma existência pura...
Que às vezes é um trabalho sossegar.

Viver! Quem não sentiu por um momento
O peso da existência desconforme;
Quem n' um instante não subiu ao céu?

Mas expor os horrores não intento
De horas de tédio em que a nossa alma dói
Dias de vida em que se não viveu.

O soneto, sem data, indaga o sentido apenso à palavra «viver», pelo sistemático recurso à antítese e ao paradoxo (gozar/sofrer; sepultura/vida eterna; trabalhar/sossegar; procura/quietação; peso da existência/subiu ao céu), bem adjudicado pela conclusão contida no último verso «Dias de vida em que se não viveu». Na amplitude que o poema abarca (insistindo no registo paradoxal), «viver» adquire necessariamente o valor de uma contradição absoluta. A pergunta «O que é viver?» permanece sem resposta pelo

infinito número de questões, que acarreta. É matéria densa que compreende desde «a quietação de uma existência pura» até «o peso da existência desconforme». No entanto, à densidade da matéria não parece corresponder a grandiosidade da meditação, pois, como o título do poema deixa antever, a reflexão em torno de «viver», e a procura de uma definição que lhe assente, não são mais do que o produto de «horas de tédio», em que o aborrecimento é a medida de todas as coisas. Mas não só o tédio e a consciência aguda que amiúde lhe surge associada secundam a reflexão sobre a vida e respectivas circunstâncias. No próximo poema, intitulado «Saúde», de 1922, igualmente incluído no segundo volume manuscrito, estabelece-se uma relação inequívoca entre beleza e saúde:

SAÚDE

Tudo o que é são, é belo: e toda a gente
Deve sentir no fundo que é verdade
Só existir perfeita mocidade
Dá saúde no culto permanente;

Quando um formoso corpo andar doente,
Mesmo que uma alegria o desenfade,
Qualquer observa e logo se persuade
Que é menos belo, positivamente:

A mais extraordinária inteligência
O mal-estar de uma moléstia, vence-a
- Que a sua rude mão tudo desfaz...

Não envelhece e vive alegre e linda
Quem for, com judicioso ardor, pedindo
A saúde à beleza pertinaz.

O poema desenrola-se a partir do aforismo «tudo o que é são, é belo», pressupondo que a saúde antecede a beleza e a fundamenta. A supremacia da saúde, sortilégio sobre o qual assenta a capacidade de viver, vai ganhando forma pelo ascendente que a mesma demonstra face a «um formoso corpo» e à «mais extraordinária inteligência». Se a saúde é o bem supremo, a doença é a «rude mão» que tudo faz sucumbir. No terceto final, o fiel da balança inclina-se peremptoriamente para o lado da saúde, ao restar claro que mesmo uma beleza pertinaz não pode suprir a falta da saúde, e sem saúde não se envelhece nem se vive, muito menos «alegre e linda». Desta maneira, a questão da ausência da saúde é associada a uma fase da vida em que o envelhecimento também se coloca; em contraste, na primeira estrofe a vigência da saúde é relacionada com a «perfeita mocidade».

Dos sonetos até agora analisados ressalta uma experiência de vida singular, que assenta largamente na problematização da condição feminina, com questões como o enamoramento, a idade, a vida em sociedade, o tédio existencial, o envelhecimento e a doença a pontuar a relação de um sujeito poético que se assume, de modo consistente, mulher, com o que o rodeia e confronta. É, com efeito, pelo fulgor da individuação de uma voz inequivocamente feminina que o roteiro poético de Zulmira Falcarreira adquire pertinência na plêiade literária feminina do primeiro quartel do século XX.

Nos três volumes de poesias da BNP, um único soneto, sem data, recupera, de forma explícita, a estética do modernismo que caracteriza a arte das primeiras décadas do século XX; intitula-se «Pontuação (Futurista)» e integra o terceiro volume *Asas de sonho* (BNP, Esp. A/ 6084):

PONTUAÇÃO (FUTURISTA)

Pontuar, mas para quê?
O que é bom não se pontua...
Só se o ponto for a lua
Sobre o I do verbo aimer;

O que escreve e que lê,
Não pára nunca, flutua...
E olha a minha edera é tua
Como de um dado é um D.

O A. B. C. é o dó ré mi
Do amor; e ao fá, sol lá si,
Já se canta menos mal

Mas chegando ao outro dó,
Não se pode cantar só.
E depois... ponto final

O poema baseia-se na subversão do acto de pontuar, num motejo à poesia, que, brincalhona e pululante, de estrofe em estrofe, não se detém em nenhum conteúdo, até acabar de modo *impromptu*; aqui não se insurgem estados de alma, nem se revelam paisagens convenientemente «rubras» ou «coquetes»; trata-se de um mero exercício de estilo, que põe em causa a poesia e respectivo valor literário, unindo o formalismo do soneto ao frémio da modernidade, oriundo de França e Itália, o que o iliba de um sujeito poético.

A integração deste último soneto neste trabalho pretende apenas assinalar, por um lado, a incursão da autora na estética do modernismo português, que, apesar de singular,

não deixa de documentar a sua imersão na mesma, e, por outro, sublinhar o ecletismo da sua produção poética, ainda que persistentemente sob a égide do soneto.

Assim, destacamos como eixos temáticos na obra poética de Zulmira Falcarreira a natureza enquanto reverberação dos estados de alma do sujeito poético, típica do romantismo, o seu escrutínio pela feminilidade do sujeito poético, e uma poética do quotidiano, que assenta numa vivência comentada dos acontecimentos do dia-a-dia. Assim, não surpreende que, no seu conjunto, os sonetos de Falcarreira tenham um pendor biográfico, que se dilata no traçado de um percurso de vida, que compreende a ligação com a natureza, o lugar da mulher na sociedade e uma plêiade de visões femininas da vida e do mundo. No tríptico poético *Asas Libertas; Asas de Ferro; Asas de Sonho*, do qual apenas uma minoria de sonetos logrou publicação dispersa na imprensa da época, permanecendo a maior parte inédita, temas como a idade, o tédio, a saúde e a pobreza são matéria que enquadra uma vivência feminina da realidade social do primeiro quartel do século XX. É neste aspecto que a obra desta poetisa mais se distingue no meio de um conjunto de vozes femininas, do qual também se destacaram, como já referimos, Florbela Espanca, Amélia de Guimarães Vilar, Virgínia Vitorino, etc.

Se compararmos os três volumes manuscritos de sonetos de Zulmira Falcarreira, autora praticamente desconhecida, com a obra poética de Florbela Espanca, a única deste grupo de poetisas até agora bafejada por número significativo de estudos críticos (Sena 1947; Régio 1964; Luís 1979; Melo 2009, etc.), verificamos que, enquanto a segunda se ocupa com a sua condição de mulher e de poeta, revelando uma inquietação que leva a clamar, no soneto «Mais Alto», incluído originalmente em *Charneca em Flor* (1931), «Mais alto, sim! Mais alto! Onde couber/ O mal da vida dentro dos meus braços/ Dos meus divinos braços de Mulher» (Espanca 2002, 330), Falcarreira nunca atinge tais píncaros de exaltação e exacerbamento, antes se estende na fixação de temas e episódios de um quotidiano a que consegue acrescentar o fulgor da interrogação acerca de «horas de tédio em que a nossa alma dói / Dias de vida em que se não viveu». Se Florbela Espanca se nutre de contradição, que também traduz «a ânsia de absoluto» (Melo 2009, 10), como em «E quando mais no céu eu vou sonhando/E quando mais no alto ando voando/ Acordo do meu sonho... E não sou nada!...» (Espanca 2002, 212), no poema intitulado «Vaidade», que integra *Livro de Mágoas* (1919), Zulmira Falcarreira comunica os estados de alma que enovelam um dia-a-dia aromatizado pela ânsia feminina: «Quero conter-me e não posso/ - Que há sempre um cão para um osso/

Algures qualquer já disse -»; se Espanca usa o soneto numa tentativa de sublimação da vida e da sua condição de mulher, com a estética decadentista em pano de fundo, Falcarreira compõe visões líricas e sentimentais de uma vivência plasmada na e pela harmonia métrica do soneto. Contudo, apesar das diferenças sinteticamente enunciadas, pela mão de ambas, a mulher abandona a postura de perfil e o olhar de soslaio, convertendo-se em figura maior de um tablado que esconjura a tacanhez entediante da anulação social.

III

Como os poemas seleccionados põem em evidência, a obra literária de Zulmira Falcarreira não se distingue pela originalidade das imagens sugeridas ou pelo carácter revolucionário das relações propostas; sequer se mostra bem enquadrada na estética modernista do Portugal anos vinte; antes configura a assumpção da mulher enquanto ser intelectual, redimensionado a feminilidade a uma escala mais complexa: a mulher sente e inscreve os seus estados de alma diários, com desejos, desgostos e melancolias, na miríade de assuntos dignos de tratamento poético; daí emerge uma nova mulher, à imagem de uma poesia de cariz sentimentalista e arrebatado, mas ainda assim distintamente única e transfigurada.

Os sonetos aqui editados respondem, no geral, à questão mais vasta do que significa ser mulher e das vivências que a compõem e, não raramente, assolam. Ao constituírem-se como portfólio da singular forma feminina de perceber e entender o mundo, reforçam a legitimidade do feminino como referente autónomo. Esta emancipação pela poesia traz consigo as raízes de uma nova mentalidade, segundo a qual ser mulher já não se cinge aos papéis sociais tradicionalmente aceites, espraiando-se por experiências sensoriais e cognitivas mais vastas, que só podem ser alicerçadas numa identidade própria, que refuta estereótipos obsoletos. Esta realidade identitária fortalece-se na assunção da plenitude da sua condição humana, não temendo a exposição da intimidade; é um corpo que sangra, sem procurar redempção.

Mais do que mera «literatura feminina à la garçonne» (Pereira 1983, 872), para além da perene discussão em torno do valor literário e da pertinência poética, importa salientar o poder reivindicativo de uma produção poética que exhibe a singularidade da experiência feminina, e que compreende testemunhos de feição diversa, como a resenha comparativa entre a obra de Zulmira Falcarreira e Florbela Espanca, acima ensaiada, deixa antever.

Entre a nobreza e a banca, Zulmira Falcarreira habita salões, desfruta de espetáculos e consolida convívios que alimentam a produção de sonetos próprios, com divulgação mais prometida do que cumprida. Na senda do conforto, faz-se, então, ouvir uma voz que se individualiza na colagem do feminino a momentos quotidianos, que interroga e explana, na ânsia da paisagem mais completa, a perfeita harmonização da mulher com o mundo.

Bibliografia

- CARDOSO, Nuno Catarino. 1917. *Poetisas Portuguesas*. Lisboa: Livraria Científica.
- CASTRO, Z. O. de; ESTEVES, J. 2005. *Dicionário no Feminino* (Séculos XIX-XX). Lisboa: Livros Horizonte.
- Catálogo do Palácio do Correio Velho*. 2011. Leilões e Antiguidades, S.A., leilão 263.
- ESPANCA, Florbela. 2002. *Poesia Completa*. Recolha, leitura e notas por Rui Guedes. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- FALCARREIRA, Zulmira. 1922-1923. *Asas Libertas; Asas de Ferro; Asas de Sonho* (manuscritos), 3 volumes, BNP Esp. A/6082-6084.
- Instituto Nacional de Estatística. 1913. *Censo da população de Portugal no 1.º de Dezembro de 1911: 5.º recenseamento geral da população*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- LUÍS, A. B. 1979. *A Vida e a Obra de Florbela Espanca*. Lisboa: Arcádia.
- MELO, C. 2009. “Imagens do Feminino em Florbela Espanca”. *O Marrare* 10: 1-14.
- PEREIRA, J. C. S. 1983. “Tempo neo-romântico (contributo para o estudo das relações entre literatura e sociedade no primeiro quartel do século XX)”. *Análise Social*, vol. XIX (77-78-79), 3.º, 4.º 5.º: 845-873.
- RÉGIO, J. 1964. *Ensaio de Interpretação Crítica*. Coleção Obras Completas. Lisboa: Portugália Editora.
- SALGADO, Clichés (pseud.). 1922. “Interiores de Arte”. *Ilustração Portuguesa* 834: 140.
- SALGADO, P. 1946. *A Mulher do Século XX*. Porto: Tavares Martins.
- SENA, J. 1947. *Florbela Espanca ou a Expressão do Feminino na Poesia Portuguesa*. Porto: Clube Fenianos Portuenses.
- SILVEIRINHA, M. J. 2012. “As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística: contributos para uma não-ossificação da História do jornalismo”. *Comunicação e Sociedade* 21: pp. 165-182.
- VILAR, Amélia de Guimarães. 1920. *O Meu Rosário*. Porto: edição de autor.
- VITORINO, Virgínia. 1920. *Namorados*. Lisboa: Ilustração Portuguesa.